

‘A maioria dos artistas de hoje di

►► Continuação da página 5

JU – Em seu livro sobre Pablo Neruda, fotos mostram vários escritores latino-americanos que integraram o primeiro time da literatura mundial. O senhor acredita que haverá, no continente, uma nova leva de talentos do mesmo quilate?

Canseco-Jerez – A dimensão hoje é outra, embora eu acredite que seja difícil surgir gerações tão ricas como as do século passado. O mundo do livro, por exemplo, mudou muito. A edição e a distribuição estão em outro patamar. O impacto da Internet merece um estudo mais aprofundado. Estamos num período de transição, e é prematuro trabalhar em cima de convicções. Os métodos de valoração das novas formas de comunicação e de transmissão do saber ainda estão sendo criados. Não dá para dizer como será o novo artista. O mundo mudou muito.

É muito difícil ser categórico com relação a um assunto dessa natureza. Fui formado na França, e tive a sorte de ser aluno de Deleuze, [François] Châtelet e [François] Lyotard, entre outros nomes. Toda essa gente morreu. O que sobrou hoje da filosofia francesa? Quase nada... Será que ela será capaz de, nos próximos anos, criar uma reflexão tão importante quanto a que veio à luz no século passado? Eu não sei, sinceramente. O mesmo ocorre com o mundo intelectual latino-americano. É uma incógnita. Será que o século XXI será capaz de criar figuras tão originais e importantes na pintura, na poesia, na prosa? Não dá para saber.

JU – Em que medida, na sua opinião, os aspectos mercadológicos têm peso nessa nova configuração?

Canseco-Jerez – Têm muito peso. O aspecto comercial está presente em todas as esferas artísticas. A imprensa e o mercado editorial, por exemplo, estão nas mãos de poucos grupos, que controlam tudo. Trata-se de um fenômeno mundial. É um horror... A opinião vem sendo manipulada sem cerimônia. Vivemos um paradoxo: se de um lado temos mais comunicação, de outro, temos menos meios de expressão.

JU – Qual seria o efeito dessa concentração?

Canseco-Jerez – É dramático. Há consensos fabricados sobre tudo e em toda a parte. O mundo editorial está sendo controlado por grandes conglomerados, que trabalham com as mesmas pessoas – editores, críticos etc. Não há diversidade de crítica, de juízo... O problema não é só o mercado, mas sim sua estrutura. Ela está arquitetada de uma maneira diferente. Se fosse só o mercado, haveria meios de driblá-lo, seja por meio da competição ou da diversidade. Não existe mais isso.

Na França, temos exemplos concretos dessa dissolução. O *Le Monde*, por exemplo, passa por uma crise sem precedentes. O mesmo ocorre com o *Libération*. E estamos falando de dois grandes jornais, independentes e muito importantes na cena francesa – e mundial.

JU – Como foi o trabalho de prospecção do material biográfico e iconográfico do livro sobre Neruda?

Canseco-Jerez – Primeiramente, meu trabalho sobre Neruda foi um descobrimento. Tinha a convicção de que não havia mais nada a escrever sobre o poeta chileno. Achava que críticos e especialistas já tinham abordado todas as vertentes possíveis. Por outro lado, convivia com um sentimento de culpa: nasci na mesma cidade que ele, Temuco, e sempre gostei muito de sua poesia.



Pablo Neruda com Picasso, em Paris, em 1949



Neruda toma banho na embaixada do Chile, em 1971



Com Salvador Allende, no Chile, em 1973

Em 2004, nas comemorações do centenário de nascimento do poeta, eu conversei sobre meu projeto com Volodia Teitelboim, a quem já conhecia havia muitos anos. Tratava-se de um homem gentil, generoso e muito inteligente. Dominava muitos assuntos com maestria – história, literatura, política, música – Volodia, apesar de muito simples, era uma enciclopédia. Indaguei se ele me ajudaria numa homenagem. Ele aceitou, e o fato de tê-lo como parceiro e co-autor da obra foi ter ao lado uma testemunha ocular mais que privilegiada.

Enquanto eu fazia seleção das fotos, Volodia me contava as histórias que envolviam as imagens. Além de biógrafo de Neruda, foi talvez seu maior amigo e confidente. Foi para ele que Neruda disse que estava com câncer. Ninguém sabia. Foi também Volodia o intermediário de Neruda junto ao presidente [Salvador] Allende para a obtenção do posto de embaixador na França.

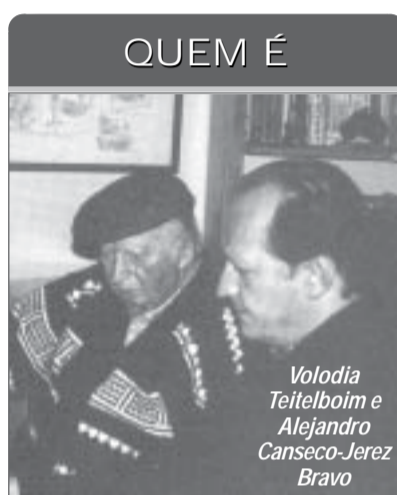
As pesquisas foram feitas nos arquivos da Fundação Neruda, onde encontrei um fundo iconográfico de cinco mil fotografias, todas inexploradas. Tratava-se de um material de primeira mão. Nunca ninguém havia trabalhado sistematicamente com essa massa documental.

Essas imagens estavam fadadas à destruição, já que, com o golpe militar, as casas de Neruda foram invadidas. As fotos foram tiradas do lixo, e ficaram em bolsas plásticas durante duas décadas. Com a volta da democracia, a fundação foi criada. Em seguida, começou o trabalho de restauração. Eu cheguei justamente nessa hora. Foi uma investigação muito bonita.

Quando comecei a fazer a seleção das fotos, me dei conta do que tinha em mãos. Disse para mim: estou trabalhando com a história do século XX! Estava tudo lá: as revoluções do continente, os movimentos políticos, as utopias de esquerda, a Guerra Civil espanhola, a Segunda Guerra, o Oriente, Cuba... Como afirmou Volodia, Neruda foi o poeta da multiplicidade. Ademais, ele viveu num período em que o mundo estava respirando com intensidade.

JU – No livro, Neruda aparece ao lado de Julio Cortázar, Juan Rulfo, Juan Carlos Onetti, Vargas Llosa, Gabriel García Márquez e Jorge Amado, entre outros grandes escritores. Havia uma grande integração entre os intelectuais do continente. A que o senhor atribui essa interação?

Canseco-Jerez – A política dominava a cena. Havia a busca por um mundo novo. Isso desapareceu, não existe mais hoje. Por outro lado, o aparato de propaganda do sistema cultural do Partido Comunista internacional funcionava a todo vapor. Foi um dos melhores



Volodia Teitelboim e Alejandro Canseco-Jerez Bravo

Alejandro Canseco-Jerez Bravo nasceu no Chile em 1954 e reside na França desde 1975. Editor, escritor, pesquisador e professor, fez seus estudos universitários em Paris, onde estudou Filosofia, Psicologia, Ciências da Educação e Ciências da Linguagem. Em 1993 obteve o título de doutor em Ciências da Linguagem, opção Artes e Literatura da América Latina pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, sob a orientação do professor Jacques Leenhardt. É professor desde 1984 da Universidade Paul Verlaine (Metz). É autor de vários livros e ensaios, entre os quais: *Cartas de Juan Emar à Pépêche* (2007); *Pablo Neruda en noir et blanc – Images d'une vie et d'une œuvre*, (com Volodia Teitelboim, 2004); *La Vanguardia Chilena – Santiago-Paris* (2001); *Le Mécénat de Madame Errázuriz* (2000); *Juan Emar – Estudio* (1989); *Art et Littérature d'Amérique latine* (2005); *Enseignement et recherche sur l'art et la littérature d'Amérique latine en France* (2003); *Lettres d'Eugenia Errázuriz à Pablo Picasso* (2001), entre outros.

sistemas de comunicação do século XX. Eles promoveram diversos congressos; tratava-se de uma tribuna impressionante. Os comunistas criaram uma rede internacional na qual circulavam pensadores e artistas. Era um cenáculo permanente de difusão de idéias e propostas. Os escritores percorriam todos os países do continente – México, Cuba, Brasil, Argentina, Chile... Havia um diálogo muito intenso.

Esse diálogo praticamente desapareceu. Ele está institucionalizado, sendo substituído pelo comércio, pelas feiras literárias, pelos prêmios... Não vemos mais, por exemplo, encontros de artistas e de intelectuais promovidos por eles mesmos.

JU – Por quê?

Canseco-Jerez – Na época, os escritores estavam profundamente comprometidos com a realidade latino-americana. Tanto do ponto de vista ideológico como do artístico. Eles não faziam distinção en-



Da esq. para a dir., Vargas Llosa e esposa, Carlos Fuentes, Juan Carlos Onetti, Emir Rodríguez Monegal e Neruda, em Nova York, em 1966



Neruda, Volodia Teitelboim, Julio Cortázar e Ugné Karvelis, na França, no início da década de 1970

tre a obra e o mundo em que estavam vivendo. Hoje, a maioria dos artistas está dissociando sua arte do entorno social. A primeira preocupação do artista sempre foi o reconhecimento de sua obra. No mundo de hoje pode parecer ingênuo, mas, à época, a ideologia sempre foi um instrumento de reconhecimento, sobretudo para aqueles escritores filiados ao Partido Comunista. Num determinado momento, era muito mais fácil para o escritor ser de esquerda. Ele aproveitava-se do instrumento de comunicação, o que não ocorria com aqueles que eram de direita. Hoje, os mecanismos são outros.

JU – Mas não é paradoxal se for levado em conta o fato de a América Latina ser hoje governada por muitos dirigentes de esquerda?

Canseco-Jerez – Ocorre que, naquela época, o compromisso do artista estava na utopia da transformação do mundo. As obras buscavam essa transformação, erradamente ou não, stalinista ou não.

Havia um projeto e os criadores estavam integrados num movimento social. Hoje, somente um louco quer essa transformação. Do ponto de vista político e econômico, isso deixou de existir. A ousadia era muito maior. No mundo contemporâneo, por exemplo, poucos têm a dimensão nacionalista ou continental. Nos dias de hoje, a mirada é muito mais global. Podemos até dizer que há uma preocupação com a globalização, mas ela se resume à maneira com que a obra vai ser difundida.

Se de um lado o mundo atual acabou com muitas das vertentes de diálogo, de outro, não podemos ficar ancorados no saudosismo. Não dá para ficar a reboque da nostalgia. Temos que descobrir como a coisa funciona hoje. Os jovens seguem criando, embora com outros métodos e instrumentos. A maioria dos meus alunos, por exemplo, são inquietos, querem fazer coisas. Ocorre que o mundo está menos preparado hoje para dar a eles esse espaço.